

La venta de lenguas de señas brasileñas: un análisis discursivo de las imágenes utilizadas en las pancartas de los cursos de lengua de señas brasileñas (libras)

Brazilian sign languages for sale: a discursive analysis of images used in banners of libsb¹
courses Vendem-se línguas de sinais brasileiras: uma análise discursiva das imagens usadas em banners de cursos de libras

Lívia Letícia Belmiro Buscácio²
Rogério Toscano da Silva³

RESUMEN

Proponemos un análisis a través del Análisis del Discurso (Pêcheux; Orlandi) de anuncios de cursos de Lengua de Señas Brasileira (Libras) en Internet. Nos centramos en cómo se representa la lengua en las imágenes de los *banners* que anuncian estos cursos. En ella, identificamos tres redes discursivas implicadas en la publicidad de la enseñanza de Libras: la que parece tomar la lengua de señas, y por extensión Libras, como una “lengua universal”, ya que se utilizan indistintamente signos de otras lenguas; la que se centra en las manos como “soporte” de la lengua; y la “evangelizadora”, con ideas de “salvación”, mayoritariamente cristianas. Y, a través de la extrañeza que despierta nuestro gesto de lectura mediante paráfrasis visuales, proponemos una discusión sobre cómo se significa Libras y cómo se reproducen en estos materiales los conocimientos lingüísticos y las ideas sobre las lenguas de señas y el sujeto inscrito en ellas.

PALABRAS CLAVE: Lengua de Señas Brasileira (Libras); análisis del discurso; redes discursivas

ABSTRACT

We propose an analysis under the lens of Discourse Analysis (Pêcheux; Orlandi) of Brazilian Sign Language (LSB) course advertisements on the Internet. We focused especially on how the language is represented in images on banners promoting these courses. In which we identified three discursive networks involved in publicizing LSB teaching: the one that seems to take sign language, and, by extension, LSB as a “universal language”, since signs from other sign languages are used indiscriminately; one that focuses on the hands as the “support” of the language; and the “evangelizing” nature, with religious ideas of “salvation”, mostly Christian. And, through the estrangement raised by our reading gesture through visual paraphrases, we propose a discussion about how LSB is signified and how linguistic knowledge and ideas about sign languages and, in turn, the subject inscribed in them, appear reproduced in those materials.

KEYWORDS: LSB; Discourse Analysis; Discursive Networks.

RESUMO

Propomos uma análise sob as lentes da Análise do Discurso (Pêcheux; Orlandi) de propagandas de cursos de Língua Brasileira de Sinais (Libras) na internet. Focamos em como a língua é representada nas imagens em *banners* de divulgação desses cursos. Nela identificamos três redes discursivas envolvidas na publicidade do ensino de Libras: a que parece tomar a língua de sinais, e, por extensão, a Libras enquanto uma “língua universal”, já que sinais de outras línguas são usados indiscriminadamente; a que tem seu foco nas mãos como “suporte” da língua; e a de cunho “evangelizador”, com ideias religiosas de “salvação”, majoritariamente cristãs. E, através do estranhamento suscitado por nosso gesto de leitura através de paráfrases visuais, propomos a discussão sobre como a Libras é significada e como os saberes e ideias linguísticas a respeito das línguas de sinais e do sujeito nelas inscrito, compõem reproduzidos nestes materiais.

PALAVRAS-CHAVE: libras; análise do discurso; redes discursivas.

RESUMO EM LIBRAS DISPONÍVEL EM: <https://youtu.be/ej4Odyv5wj8>.

Fecha de recepción: 10/02/2024
 Fecha de evaluación: 26/03/2024
 Fecha de evaluación: 30/03/2024
 Fecha de aceptación: 04/04/2024

Uma proposta introdutória

Passadas já duas décadas do reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como “meio legal de comunicação e expressão”, “forma de comunicação” e “sistema linguístico” (Brasil, 2002), e da regulamentação advinda desse reconhecimento (Brasil, 2005), essa língua teria deixado oficialmente de ser “a língua dos surdos” e passado a TER DE ser ensinada para ouvintes em larga escala, como “ferramenta” para facilitar a inclusão do sujeito surdo, primeiramente no ambiente escolar.

Porém, mesmo entre a comunidade surda⁴, parece não ter havido grandes avanços no que tange o ensino da Libras em larga escala; no desenvolvimento de alternativas de melhor promover o aprendizado da Libras por sujeitos ouvintes visando a criação de uma “massa de falantes” efetivos dessa língua, não apenas no âmbito público – em especial nos ambientes acadêmicos – mas sim nas mais variadas funções sociais. Não só novos tradutores-intérpretes precisam ser formados e professores devem ter um conhecimento mínimo da Libras, mas também médicos, advogados, caixas de banco, psicólogos, recepcionistas precisam ter condições efetivas para se dedicar ao aprendizado da língua de sinais e pô-la efetivamente em circulação nos diversos contextos comunicativos de forma a então criar a base para o processo de “inclusão plena das pessoas surdas [...] em todas as esferas da vida social”, (Brasil, 2005) entendido por nós como intuito maior das regulamentações e principal anseio da comunidade surda.

Em janeiro de 2005, um pouco antes da publicação da regulamentação da Lei de Libras, no prefácio da edição brasileira de *Aprender a Ver*, de Wilcox e Wilcox (2005), o professor Leland McCleary, apesar de afirmar certo otimismo sobre o mercado de instrução em Libras a partir das discussões em torno da regulamentação, também, já adiantava a necessidade da expansão do uso de Libras para além dos muros das escolas e universidades para que houvesse aprendizado – e inclusão! – efetivo dos surdos. Em seu texto, o professor McCleary afirma que só “o tempo vai mostrar os caminhos para estabelecer uma educação verdadeiramente inclusiva para aqueles alunos que dependem do diálogo com professores, alunos e *outros cidadãos fluentes em língua de sinais para a consolidação do seu conhecimento.*” (Wilcox e Wilcox, 2005, p.10, grifo nosso.)

Concordamos também com a afirmativa feita por McCleary, ainda naquele texto, sobre ser “um grande equívoco” a crença de que o fato de os professores terem algum conhecimento sobre a Libras (Wilcox e Wilcox, 2005, p.10) – em sua maioria adquirido em uma única disciplina obrigatória com, na melhor das hipóteses, no máximo, 85h em um semestre (Pereira, 2008, p.44) – seria o suficiente para terem “condições de resolver os problemas de comunicação dentro de uma classe mista de alunos surdos e ouvintes” pois “ignora a centralidade do domínio da língua

no processo educativo.”. Assim, propomos neste trabalho analisar materiais que acreditamos ser uma das etapas iniciais da expansão desse mercado de instrução em Libras: propagandas de cursos dessa língua; a forma como a língua de sinais brasileira é ofertada na internet; especialmente em como a Libras é representada nas imagens usadas em *banners*⁵ de cursos na rede e que saberes e ideias sobre a língua de sinais e sujeito vem sendo ali veiculados.

Os textos – verbais e não verbais – utilizados nesses anúncios de cursos de Libras parecem demonstrar certo padrão influenciado pelos discursos sobre os surdos e a sua língua. Assim, de forma geral, fomos capazes de identificar três redes discursivas que, apesar de seus pontos de interseção, podem ser, para fins de organização para análise, assim segmentadas: 1) a que parece tomar a língua de sinais, e, por extensão, a Libras enquanto uma “língua universal”, já que sinais de outras línguas de sinais que não a Libras são usados indiscriminadamente nas imagens; 2) a que tem seu foco nas mãos como “suporte” da língua; e 3) a de cunho “evangelizador”, com ideias religiosas de “salvação”, majoritariamente cristãs.

Assim, a partir de um recorte desses anúncios, apresentamos aqui uma proposta de uma análise dos discursos materializados nos *banners* a partir das lentes de interpretação apresentadas na Análise do Discurso materialista (Pêcheux, Orlandi).

Uma filiação

Tal proposta é sustentada então pela Análise do Discurso (AD) de linha materialista, a qual refuta a concepção de língua como um sistema fechado em si mesmo, isolado da exterioridade conforme a adotada pelo “estruturalismo (com a negação do sujeito e da situação) e a gramática gerativa transformacional (GGT), proposta por Noam Chomsky ([com o] valor biológico à linguagem)” (Brasil, 2011, p.172).

Orlandi (2015) apresenta a AD como “herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística e Marxismo” (Orlandi, 2015, p.18), destacando, entretanto, que ela não recebe essa herança “de modo servil” (Orlandi, 2015, p.18) uma vez que apresenta a esses campos do conhecimento novas indagações sobre as inter-relações da língua, da história e das ideologias, numa dinâmica de construção e reconstrução que envolve a linguagem, a materialidade e os sujeitos.

Nessa abordagem, o sujeito “é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz.” (Orlandi, 2015, p.47). E discurso é definido como sendo “um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (Pêcheux, 2014, p.81), sendo esses pontos entendidos não como os indivíduos em si – um que transmite uma mensagem que é decodificada por aquele que recebe – mas “lugares determinados na estrutura de

uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos” (Pêcheux, 2014, p.81).

A formação dos sentidos é explicada por Orlandi a partir de uma comparação “cartesiana”, que diz que “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (Orlandi, 2015, p.28 e 29). Tudo o que já foi dito sobre um tema reverbera na História uma vez que “quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo” (Orlandi, 2015, p.33).

A proposta da AD é a de se observar a língua em seu uso, na relação dinâmica entre o mundo, a língua (de forma mais específica e a linguagem de maneira mais ampla) e o sujeito. Nela, a concepção de língua como um código emitido a ser decodificado, emitido e recebido de forma linear, como um sistema isolado funcionado por si só, sem falhas e com uma precisão mecânica, dá espaço à uma concepção que “permite reconhecer nela [na língua] sua íntima relação com a exterioridade, representada pela história e pela ideologia.” (Leandro-Ferreira; 2020, p.181) e, por isso, sempre sujeita a falhas e equívocos.

Na perspectiva teórica da AD a linguagem opera como mediadora entre as pessoas e o mundo real, entre nós e nossa realidade natural e social, tendo seu funcionamento essencialmente prático. Daí, tem-se a língua como sendo, nas palavras de Orlandi (2006, p.17) “a materialidade específica do discurso” e esse, por sua vez, “a materialidade específica da ideologia”. Assim, num primeiro momento, a palavra, enquanto forma linguístico-histórica produtora de sentidos, configurou-se como a materialidade escolhida como foco da AD.

“Surdo”, “ouvinte”, “língua”, “sinais”, “povo”; “meio”, “caminho”, “pedra”. Todas essas palavras – e quaisquer outras e suas múltiplas combinações – nos parecem “completas” em seu sentido, prontas para uso, como blocos fechados, opacos, aguardando apenas serem devidamente organizados e, assim – respeitando-se o esquema comunicacional de emissor, receptor, código, referente e mensagem – transmitir uma mensagem a ser decodificada inequivocamente por quem a receber.

Essa ideia percepção de completude é bem ilustrada pela “releitura”, feita pelo escritor Dedé Laurentino, do poema “No Meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade (figura 1, abaixo):

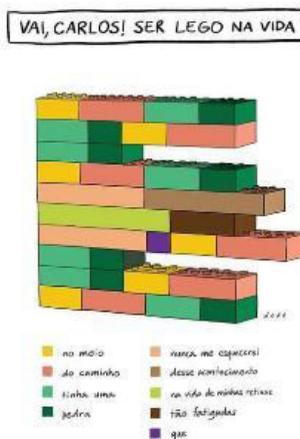


Figura 1 - Poema visual “Vai, Carlos! Ser Lego na vida!”

Entretanto, é exatamente na possibilidade de diferentes formas desse texto significar, no como se dão as múltiplas possibilidades de entendimento dessa mesma “mensagem” a partir de quem a diz e para quem a diz e em quais circunstância, que a AD se debruça. Nas palavras de Orlandi (2015, p.18), essas palavras “chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós.”

É importante evitar a redução da materialidade significativa ao *corpus* em si, uma vez que, “a materialidade discursiva significa a partir da forma como é determinada pelas relações com língua, inconsciente e história” (Leandro-Ferreira, p.204). Ou seja, a materialidade está muito além da palavra, da imagem ou de qualquer objeto simbólico em análise, muito além do “o quê” é analisado. Seu foco é no “como” esse objeto significa a partir da imbricação entre linguagem, inconsciente e história.

Orlandi (2015, p.24) afirma que “a AD visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentido”, entendendo objeto simbólico não apenas como palavra, mas como “enunciado, texto, pintura, música, etc.”, o que, de forma incipiente, antecipa a formulação teórica de “materialidade significativa”, que amplia o funcionamento da materialidade verbal para também a materialidade não-verbal (Lagazzi, 2009).

Assim, tomaremos como base em *banners* de publicidade de cursos de Libras na internet, considerando que o texto publicitário é / deve ser elaborado objetivando a produção de sentidos determinados em um público específico. E para isso, a publicidade se propõe a “orientar a memória discursiva do interlocutor trazendo à tona somente os saberes que interessam ao objetivo da mensagem, manipulando a interdiscursividade” (FERREIRA, 2009, p.60), e entendendo a interdiscursividade como a relação de um discurso com outras “formulações feitas e já esquecidas que

determinam o que dizemos”, já que, para que o que é dito tenha sentido é preciso que as palavras já façam sentido (Orlandi, 2015, p.31).

Outro conceito da AD que aqui mobilizamos é o de “estranhamento”:

estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa fora do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significativa, marcando uma desordem no enunciado. (Ernest-Pereira, 2009, p.4)

Assim, considerando que imagens também são elementos intra e interdiscursivos, e nos valendo dessa estratégia, propomos uma análise a partir da exposição dos conflitos entre as diversas formações discursivas sobre ensino e aprendizado da Libras materializadas pelos criadores dos *banners* em suas peças publicitárias, evidenciada neste trabalho pelo uso de paráfrases visuais obtidas a partir da recriação dos *banners*.

Redes discursivas que envolvem a publicidade do ensino de Libras

Uma experiência pessoal, ocorrida durante a realização desta pesquisa ajuda a exemplificar o ponto que levantamos aqui, uma vez que ela parece ratificar nossa percepção de que a comunidade surda aparenta ainda pouco estranhar e/ ou se incomodar frente a dizeres que ressoam memórias discursivas que remetem a fatos contraditórios às pautas tão caras e constantemente defendidas por essa mesma comunidade no que tange a sua cultura e, em especial, à língua de sinais.

Uma dessas pautas é a disseminação do fato de que a Libras é uma língua natural, específica da comunidade surda do Brasil e não uma “língua universal”⁶. Cujas importância se assenta no fato de ser tal característica – a de ser língua específica – a base material para o reconhecimento legal da Libras e, conseqüentemente, para todo o arcabouço jurídico que dele deriva e que a assegura como um direito dos surdos (Brasil, 2002).

Considerando a relevância do reconhecimento mencionado, cremos que o relato apresentado a seguir configura um bom exemplo para introduzirmos nossa proposta: em um contexto acadêmico, recebemos um *banner*, via aplicativo de mensagens, veiculado por uma pessoa surda, com formação prévia e atuação profissional na área de educação inclusiva, divulgando o lançamento de um curso de Libras no qual essa pessoa atuaria lecionando.

O *banner* trazia, além dos dados escritos em língua portuguesa sobre carga horária, período, locais de realização do curso e o *site* no qual as inscrições estavam abertas, os dizeres: “Certificado devidamente convalidado por IES⁷ credenciada pelo MEC”; e era ilustrado com a foto abaixo (figura 2):



Figura 2 – Foto que ilustrava o *banner* do curso de Libras propagandeado por uma colega surda

Ao não reconhecermos os sinais mostrados na foto, perguntamos, de forma privada, ao remetente do *banner*, se ele sabia que sinais eram aqueles mostrados na imagem. Ao que ele nos respondeu apenas que a imagem havia sido feita pelo coordenador do curso, deixando a entender que não conhecia aqueles sinais. Sobre esse coordenador, obtivemos a informação de ser, além de coordenador, também tradutor-intérprete de língua de sinais, ouvinte.

Uma busca rápida por imagens semelhantes na internet confirmou a hipótese de que a imagem retratava a representação de sinais de uma outra língua que não a Libras. A mesma foto aparece em alguns *sites* em coleções de imagens nas quais os mesmos modelos são fotografados conversando em língua de sinais britânica (*British sign language* - BSL), o que nos leva a deduzir que, na foto em questão, são mostradas 3 pessoas fazendo os sinais referentes às letras “F”, “I” e “A” (respectivamente, da esquerda para a direita) no alfabeto datilológico, o alfabeto manual, da BSL.

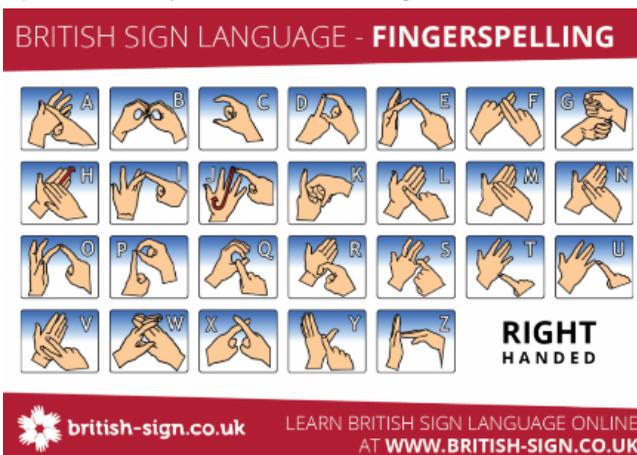


Figura 3 - Quadro demonstrativo das configurações de mãos do alfabeto em BSL.

Nesse caso simples, observamos que duas pessoas competentes em Libras e envolvidas com o estudo, o ensino e a propagação dessa matéria aparentemente não se aperceberam nem estranharam o fato de que a imagem usada não representasse sinais em Libras, foco do curso que veiculavam. Curso este propagandeado como chancelado por uma instituição de ensino superior credenciada pelo Ministério da Educação.

No que tange à língua de sinais, há certa “projeção imaginária” da competência do – de todo! – sujeito surdo nessa língua. Projeção essa que entendemos como reflexo da “falácia do falante nativo” apontada por Phillipson (1992, p.193 *apud* Walesco, 2019, p.111), cuja formulação foi focada no ensino da língua inglesa, mas se tornou parte do conhecimento linguístico sobre o aprendizado de línguas em geral, e “prevê que o professor ideal seja um falante nativo. Alguém com proficiência nativa [...] que possa servir de modelo para os alunos”.

Assim, na formação imaginária social, o surdo – entendido nesse aspecto como coletivo, ou seja, todo sujeito surdo – é visto como alguém que, pelo simples fato de ser surdo, “dominaria” a Libras e não apenas isso: “dominaria” também a língua portuguesa, sendo capaz de transitar facilmente entre as duas línguas e ainda seria conhecedor da metodologia ideal para seu ensino, mesmo sem o conhecimento linguístico e didático para tanto.

E essa imagem idealizada reveste o surdo de certa “autoridade” no que concerne à Libras, já que “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pechêux, 2014, p.82).

Outro exemplo: a foto escolhida para ilustrar uma matéria sobre a proposta de reconhecimento da Libras como “Referência Cultural Brasileira”, veiculada por um instituto focado em políticas linguísticas, citando a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), uma das mais destacadas universidades no Brasil nos estudos da Libras, retrata parte do sinal usado na língua de sinais americana (*American Sign Language* – ASL) referente a “intérprete”.



Figura 4 - Foto ilustrativa de artigo sobre Libras de instituto focado em políticas linguísticas

Ainda, outra imagem desse mesmo sinal foi usada pelo próprio Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) para ilustrar a publicidade de seu curso de Libras em sua página oficial na internet (figuras 5 e 6, a seguir):

La venta de lenguas de señas brasileiras: un análisis discursivo de las imágenes utilizadas en las pancartas de los cursos de lengua de señas brasileiras (libras)



Figura 5 - Recorte da página de divulgação do curso de Libras do INES.



Figura 6 - Detalhe de recorte da página de divulgação do curso de Libras do INES.

Considerando além dessa possibilidade desses materiais terem passado despercebidos num primeiro momento de sua criação ou mesmo que tais deslizos tenham sido considerados de pouca relevância pela comunidade surda, tal fato nos parece vir a corroborar nossa posição de que há um saber linguístico⁸ sobre as línguas de sinais que aponta para o entendimento – equivocado – de que elas são uma só; uma “língua universal”, igual em todos os lugares do mundo, e que, por isso, uma busca simples por imagens disponíveis na internet que correspondam a expressão “língua de sinais”, sem nenhuma especificação – mesmo sendo a Libras uma língua espe-

cífica! – seria o suficiente para, no momento de confecção dos materiais, encontrar uma imagem que ilustre um texto sobre “língua de sinais *brasileira*.” Seria como se uma busca pela expressão “palavra escrita” – sem as aspas e sem nenhuma outra especificação – num mecanismo de busca como o Google Imagens⁹ – fosse suficiente para se encontrar uma imagem para ilustrar um texto específico sobre língua portuguesa. O resultado desse “teste paralelo” pode ser observado na figura 7 abaixo.

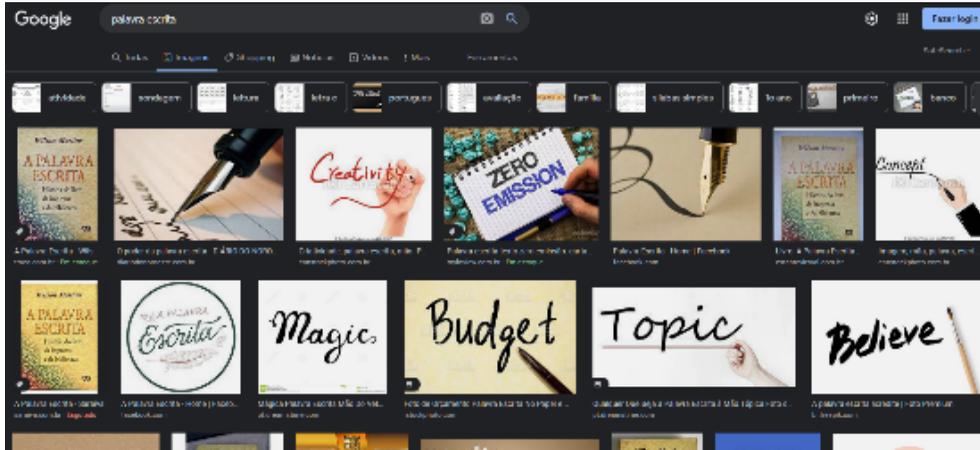


Figura 7 - Recorte da página de resultados de pesquisa de imagens.

Esse resultado se explica pela presença expressiva da língua inglesa na *web*. Apesar de apresentar uma queda considerável em sua presença na internet nos últimos anos (2007: 50%; 2017: 30%; e 2021: 25% (Observatório Da Diversidade Linguística E Cultural Da Internet, 2021), o inglês ainda é a primeira língua em termos de “poder”, isto é, de presença geral na grande rede. Esse indicador de “poder” nesse contexto considera, entre outros fatores, a quantidade de falantes conectados, o tráfego de dados nessa língua, seu uso (calculado a partir de assinaturas de redes sociais, aplicativos abertos, *streaming* e comércio eletrônico) e de sua presença em “interfaces e idiomas de tradução” em aplicativos no geral e em plataformas de tradução *online*. Poder esse que é reflexo do poder econômico, político e histórico no decorrer do tempo de países de língua inglesa (Inglaterra e EUA).

Para efeitos de comparação, a língua portuguesa aparece em sexto lugar nesse *ranking* (Observatório Da Diversidade Linguística E Cultural Da Internet, 2021)¹⁰. O que explica a alta probabilidade do resultado de uma pesquisa qualquer retornar dados em inglês.

Vale aqui destacar a afirmação do professor Xoán sobre “publicações [científicas] indexadas”, que pode ter sua abrangência ampliada sobre publicações de forma em geral na internet, que diz que, neste “terreno”, “a hegemonia do inglês [...] é

construída ideologicamente pelos próprios instrumentos que fazem as medições de impacto científico” (Lagares, 2019, p.116). Tópico que, por si só, demandaria um aprofundamento, mas que foge ao alcance deste trabalho.

No caso de buscas por imagens não é diferente uma vez que a busca é feita a partir de palavras-chave com as quais as imagens são indexadas. Assim, mesmo que a indexação seja feita apenas em língua portuguesa – o que é pouco usual –, os mecanismos de busca, para ampliar as possibilidades de resultados, se valem da tradução direta dos termos buscados para a língua inglesa. Com isso, uma busca pelo termo “língua de sinais” dará resultados similares a uma busca feita usando-se a versão em inglês “*sign language*”. Somando-se a isso o fato de a disponibilidade de conteúdo sobre línguas de sinais inglesa (BSL) e americana (ASL) na internet tender a ser maior do que aquela sobre a Libras, amplia-se a probabilidade dos resultados das pesquisas apontarem para imagens referentes àquelas línguas.

A supremacia da disponibilidade de conteúdos sobre BSL e ASL se explica pelo fato de os primeiros estudos linguísticos da Libras só terem ocorrido no final da década de 80 (ALBRES, 2012, p.43) e tendo como base os estudos sobre aquelas línguas, em especial, sobre a Língua Americana de Sinais com os trabalhos de Stoke, publicados já em 1960, e Bellugi e Klima, já no final da década de 70. (Skliar, 2016, p.24)

Registramos aqui que, em nosso processo de busca, optamos por procurar no Google Imagens a expressão “curso de libras”, com uso das aspas de forma a obtermos como resultados correspondências exatas, em diferentes datas durante o período de pesquisa e observar os resultados obtidos, destacando e catalogando aqueles nos chamaram a atenção.

Para a AD o deslize, o equívoco, são partes constituintes da língua e é nesse ponto que nossa proposta se apoia. Representado por uma “falha materializada na/ pela língua” (Cavallari, 2010, p.669), ou, nesse caso, na/pela imagem, esse deslize traz à tona as bases a partir das quais o sujeito enuncia, apontando para outros sentidos, os quais revelam sua posição e as formações discursivas nas quais o que ele diz está inscrito. Ou seja, a escolha de usar tal imagem “fala a verdade do sujeito, uma vez que aponta para as suas formações ideológicas e para os vários discursos que legitimam seu dizer” (idem) uma vez que este é, “por condição, constituído mesmo por aquilo que o sujeito não conhece mas está presente em seus discursos.” (Orlandi, 1984, p.13)

A partir de reformulação que Lagazzi faz de Pêcheux (1990, p.53 apud Lagazzi, 2021, p.5893): “[...] toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da [imagem]: [toda imagem] é intrinsecamente suscetível de tornar-se outra, diferente de si mesma, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]”, seguimos então aqui sua proposta de “descrever a imagem em paráfrases visuais”.

O conceito de paráfrase na AD pode ser entendido como “reformulação” (Costa,

2009, p.101). De forma mais precisa, nas palavras de Fuchs (1985, p.133), a paráfrase pode ser definida como “atividade efetiva de reformulação, pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo”. Ou, de forma mais simples, uma representação do “retorno aos mesmos espaços do dizer. [...] diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado.” (Orlandi, 2015, p.34)

Assim, voltando a nosso exemplo inicial, de forma parafrástica, podemos, efetuando as devidas substituições, reformular o *banner* original – “texto-fonte” (figura 8) – criando um novo panfleto publicitário de um curso de língua portuguesa – “texto-segundo” –, como o exemplo que segue abaixo (figura 8):

CURSO BÁSICO - 120h

LIBRAS
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Open

Período | 04/09/2021 à 06/11/2021

Modalidade presencial nos municípios: Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica.

* Certificado devidamente convalidado por IES credenciada pelo MEC

Inscrições Abertas no Site da Open:
WWW.OPENEDUCACIONAL.COM.BR

Figura 8 - *Banner* original de curso de Língua Brasileira de Sinais (“texto-fonte” da paráfrase) que apresenta sinais em Língua de Sinais Britânica.

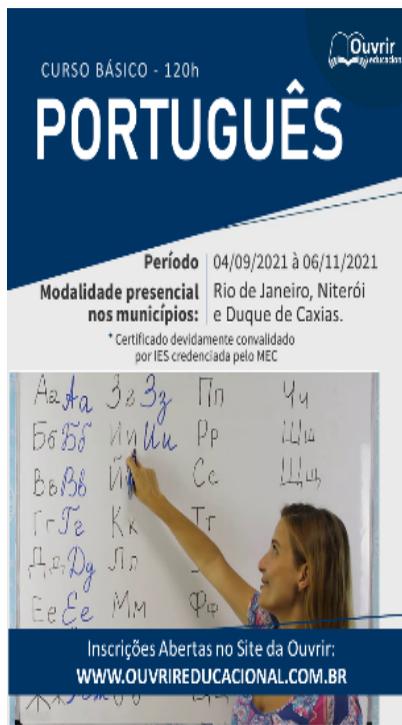


Figura 9 – Paráfrase visual de *banner* de curso de Português a partir de um original de Libras

Ao substituímos “Libras” por “português” e a foto de pessoas mostrando as letras do alfabeto manual por uma mostrando letras escritas num quadro branco, estamos considerando “as derivas possíveis nas condições de produção dadas para delimitar as fronteiras da família parafrástica à qual pertence o enunciado em questão” e criando, com isso, uma “paráfrase plausível” (Lagazzi, 2015, pp.178-179).

Será que o *banner* apresentado na figura 9 não causaria certo estranhamento ao observador mais atento ao se deparar com uma imagem que remete a um outro idioma que não aquele que é o foco dessa publicidade, uma vez que nela são apresentadas letras do alfabeto cirílico – “Б”, “Г”, “З” – estranhos à língua portuguesa? Entretanto, tal “estranhamento” – das imagens apresentadas não se relacionarem à língua sendo propagandeada – nos parece ocorrer em menor grau quando o foco é a Libras em virtude da normalização dos sentidos envolvidos nas redes discursivas apontadas. E eis aqui um aspecto que exploramos nesta análise.

Uma mesma língua em todo o mundo

A análise dos materiais acima, em que as imagens usadas nas propagandas são de outras línguas, encontra respaldo no que Quadros e Karnopp (2007, p.31) buscam “desmistificar” enquanto “concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua”, nesse caso, a crença arraigada no senso comum de que “haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas” (Quadros; Karnopp, 2007, p.33).

O discurso sobre a universalidade da Libras se baseia na concepção “de que toda língua de sinais é um ‘código’ *simplificado* aprendido e transmitido aos surdos de forma geral” (Gesser, 2009, p.11, grifo nosso) usado por todos os indivíduos surdos em qualquer lugar do mundo como uma grande língua franca, ou seja, percebe-se uma ideia sobre a língua de sinais como língua universal, ecoando determinados saberes linguísticos. “Há quem questione por que as línguas de sinais não são universais, como se esse fato fosse *o óbvio*” afirmam Quadros e Karnopp (2007, p.33, grifo nosso). As autoras destacam ainda que a ideia de uma língua universal precisa desconsiderar a influência que “fatores geográficos e culturais” têm na “determinação e mudança histórica do sinal” (Quadros; Karnopp, 2007, p.33) e, por consequência, da língua em si.

Entendemos que essa ideia da universalidade da língua de sinais – aqui materializada no uso de imagens independentemente de seu pertencimento à essa ou àquela língua de sinais, na qual “está também implícita uma tendência a simplificar a riqueza linguística, sugerindo que talvez para o surdo fosse mais fácil se todos usassem uma língua única” (Gesser, 2009, p.12) – apoia-se nos discursos que significam a Libras não como uma língua em si e os surdos, por serem “deficientes”, como sujeitos que precisariam de uma forma de comunicação mais simples, mais limitada.

A potência do embaçamento causado por esses discursos pode ser observada ao substituirmos “sinal” por “palavras” na afirmativa de Quadros e Karnopp anteriormente citada. Com isso, explicitamos que, para afirmar que “fatores geográficos e culturais *não são influentes* na determinação e mudança histórica” (Quadros; Karnopp, 2007, p.33, grifo nosso) das *palavras* e, por consequência, de uma língua falada, é preciso negar a história evolutiva dessa língua; negar que, sendo ela a língua portuguesa por exemplo, que a língua usada no Brasil, em Angola e na Europa, apesar de suas semelhanças, apresenta muitas diferenças em função de fatores geográficos e culturais. Entretanto, esse poder de “embaçamento” parece não ocorrer no discurso que envolve as línguas faladas. Não por acaso, ao contrastarmos a pergunta “a língua de sinais é universal?” com uma versão paralela para as línguas faladas – “a língua falada é universal?” – um estranhamento se faz imediatamente e essa segunda versão é respondida com uma negativa, muitas vezes, de forma enfática.

É compreensível que tais discursos, que, minimamente colocam em cheque

a capacidade linguístico-cognitiva dos indivíduos surdos, encontrem eco entre os “leigos”, isto é, entre quem “não esteja diretamente empregado em domínios relacionados com Surdos¹¹, nem em domínios profissionais adjacentes” (Ladd, 2013, p.13), já que, como ressalta Strobel, “os surdos sempre foram, historicamente, estereotipados como seres inferiores, pois afinal, faltava-lhes a propriedade essencial para a sociedade que é a linguagem oral e auditiva.” (Strobel, 2008, p.32). Porém, observar a adesão a essa rede de sentidos na/ pela comunidade surda – apontada aqui neste estudo pelo uso de imagens independentemente de seu pertencimento à essa ou àquela língua de sinais como se fossem da Libras, mesmo por um órgão de competência maior como o INES, conforme apontado na figura 5 acima –, a qual tanto se empenha na defesa da Libras enquanto língua de fato, nos chama a atenção.

Mãos que falam

A segunda das redes discursivas que identificamos é aquela que tem seu foco principal nas mãos como “suporte” da língua. Nela, as imagens se voltam quase que exclusivamente para essa parte do corpo, desconsiderando outros aspectos marcantes da língua de sinais como as expressões faciais e corporais, além de não apresentarem o contexto do momento da comunicação retratada.

Mais uma vez, a ideia reducionista sobre a língua de sinais se faz presente, retratando a o “principal marcador identitário da cultura surda” (Karnopp, Klein y Lunardi-Lazarin, 2011, p.20), a língua de sinais, por uma ínfima parte de seu todo – apenas a mão em si – uma vez que, tais representações, no muito, são capazes de mostrar os dois primeiros dos cinco parâmetros que formam um sinal, a saber: a configuração da mão; o local de articulação do sinal; o movimento (se houver); a orientação/ direcionalidade; e a expressão facial e/ou corporal (Felipe y Monteiro, 2007, p.21-23) já que, ainda segundo Felipe e Monteiro (2007, p.27, grifos nossos) é “na combinação destes quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. *Falar com as mãos* é, portanto, combinar estes elementos para formarem as palavras e estas formarem as frases em um *contexto*”. Contexto esse, na maioria das vezes, desconsiderado nas imagens escolhidas.

Ainda como parte dessa rede, podemos identificar imagens que podem ser facilmente classificadas como “ouvintistas”, na concepção apresentada por Skliar, pois apresentam representações nas quais “o surdo está obrigado a olhar-se a narrar-se como se fosse ouvinte” (Skliar, 2016, p.15).

Especialização

LIBRAS e Ensino 2017.2

A pós-graduação em LIBRAS visa contribuir para a qualificação de profissionais das licenciaturas e nas demais áreas do conhecimento científico, em Língua Brasileira de Sinais, no intuito de ampliar o escopo da comunicação e, da própria prática de inclusão social dentro do paradigma pós-moderno em que nossa sociedade encontra-se inserida.

Matrículas para João Pessoa

Turmas Imediatas

Carga horária de 360 horas

Intérprete em sala de aula

Local: Contatos Empreendimentos Educ. e Serviços
Rua Com. Aristides Costa, 564, Jd. Cidade Universitária
João Pessoa - PB | (83) 3021-6098 / 98704-1581
E-mail: contatosconsultoriapb@gmail.com
Web Site: www.contatosconsultoria.com.br

Realizadora:
Instituto NASSAU
SER
CONTATOS

Figura 10 - *Banner* de curso de especialização em Libras e ensino de uma IES na Paraíba.

Na figura 10 acima, observa-se o *banner* usado para publicidade de um curso de especialização em “Libras e ensino”. Na escrita em língua portuguesa, ressaltamos o objetivo do curso: “ampliar o escopo da comunicação e, da própria prática de inclusão social”. A imagem escolhida para ilustrar esse objetivo é uma frequentemente usada na internet com resultado para buscas que envolvam termos como “falar com as mãos”, “comunicação e mãos” ou “mãos que falam”. Nela, duas mãos se comunicam uma com a outra (!?), parecendo estarem envolvidas em uma espécie de “conversa a pé do ouvido” num paralelo com a língua oral.

Apesar do foco da publicidade ser a língua da comunidade surda, uma língua da modalidade espaço-visual, ou seja, uma língua cuja “realização não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas através da visão e da utilização do espaço” (Quadros, 2008, p.46), os sentidos associados a “fala” e “comunicação” são materializados na imagem atrelados à oralidade e ao ouvir. Por mais que o foco da publicidade seja a língua de sinais e a ilustração aponte para “mãos que falam”, a

Libras é significada com parâmetros da língua oral, representada pelas imagens de uma boca e uma orelha.

Nessa rede, há também destaque para o uso do alfabeto manual, com o qual as palavras são “escritas em Libras”. Isto é, a partir do uso de fontes que “traduzem” as letras do alfabeto romano em seu sinal correspondente em Libras. Com isso, produz-se uma sequência de imagens “soltas” de mãos representando o sinal de cada uma das letras da palavra em língua portuguesa, como no *banner* a seguir (figura 11).



Figura 11 - Exemplo do uso do alfabeto manual em *banner* de curso de Libras

Entendemos que, nesse caso, está veiculada no *banner* uma ideia linguística do alfabeto manual como “uma ponte entre a linguagem oral e a língua de sinais” (Santana, 2015, pp.113-114), entretanto, consideramos que o uso desse recurso para palavras que tenham sinal específico em Libras¹², repisa a crença de que a língua de sinais se reduz a esse código de representação, apenas reproduzindo a ortografia da língua portuguesa. Crença essa que se origina e retroalimenta a “ideia de que a língua de sinais é limitada, já que a única forma de expressão comunicativa seria uma adaptação das letras realizadas manualmente, convencionadas e representadas a partir da língua oral.” (Gesser, 2009, 29).

Voltando à análise da imagem usada no *banner*, se considerarmos a escolha do autor por dar foco na parte do corpo que, em sua visão, mais se destaca na língua sendo propagandeada no material – no caso da Libras, as mãos – uma paráfrase possível nos parece ser aquela que dará destaque, trazendo para um primeiro plano também, a parte do corpo que mais se ressalta no caso de línguas orais: a boca.

Assim, um *banner* como o apresentado acima, no qual pode-se observar a palavra Libras apresentada tanto no alfabeto manual, com a imagem das mãos representando a soletração em Libras, quanto no alfabeto latino acompanhada da imagem de um gesto, que não é um sinal em Libras em si – um coração formado com as mãos – poderia ser, caso a publicidade fosse de um curso de russo, parafraseado como segue:



Figura 12 – Paráfrase visual de *banner* anterior para um curso de Russo (com uso de alfabeto cirílico).

Nessa paráfrase, apresentamos uma estrutura paralela à usada no *banner* anterior: o nome da língua propagandeada escrito tanto num alfabeto distinto – o cirílico – que é usado nessa língua, e é, para muitos, desconhecido, quanto no alfabeto latino e a parte principal do corpo que se destacaria nessa língua: a boca, em um gesto afetivo – um beijo – em paralelo àquele apresentado na composição original: as mãos formando um coração.

Nessa mesma linha, mantendo-se o foco unicamente nas mãos como representação imagética direta da língua de sinais, isto é, na simplificação da relação “Libras = mão”, seriam paráfrases possíveis as seguintes formulações (os primeiros *banners* apresentados são as versões originais efetivamente usadas para publicidade de cursos de Libras na internet; os apresentados na sequência são as paráfrases por nós propostas):



Figura 13 - *Banner* original do curso de Libras da prefeitura de Itapevi.

La venta de lenguas de señas brasileñas: un análisis discursivo de las imágenes utilizadas en las pancartas de los cursos de lengua de señas brasileñas (libras)



Figura 14 – Paráfrase visual do *banner* anterior para um curso de Francês.

Aqui, a substituição proposta foi apenas a da imagem de mãos – tomada como representativa da língua de sinais – que aparece na foto e na formação da fonte na qual o nome da língua foi escrito (figura 13) – pela imagem da parte do corpo que seria representativa de uma língua oral, como o francês: a boca (figura 14).

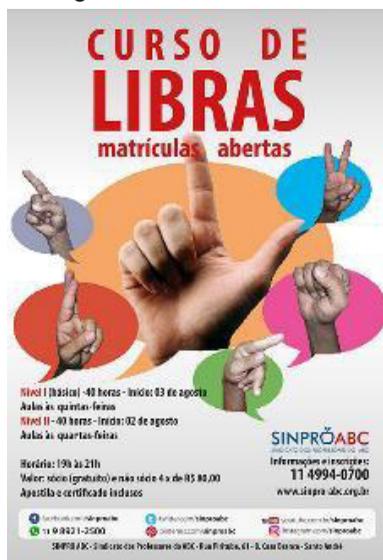


Figura 15 - *Banner* original do curso de Libras do SINPROABC.

Já no exemplo acima (figura 15), a Libras é representada sendo “falada” a partir do uso do recurso dos “balões de fala”, tomado de empréstimo das histórias em quadrinhos, e sobre os quais as imagens são posicionadas. O balão de fala, é uma tentativa de representar graficamente as interações através do som, sendo classificado por Eisner (1985, p.26, tradução e grifo nossos) como “um *recurso desesperado*. Ele tenta captar e tornar visível um elemento etéreo: o *som*.” E ainda nesse exemplo, a língua propagandeada é mostrada em algumas configurações de mão isoladas, que, em sua maioria, parecem fazer referência às letras do alfabeto manual. Com base nessas características, uma paráfrase possível para um curso fictício de língua grega, por exemplo, poderia então ser um *banner* ilustrado elementos isolados do grego escrito sendo “falado” nos balões (figura 16, abaixo).

CURSO DE GREGO
matriculas abertas

Nível I (Início) - 40 horas - Início: 03 de agosto
Aulas às quintas-feiras

Nível II - 40 horas - Início: 02 de agosto
Aulas às quartas-feiras

Horário: 19h às 21h
Valor: sócio (gratuito) e não sócio 4 x de R\$ 80,00
Apostila e certificado incluídos

SINPROABC
Associação de Professores do ABC
Informações e inscrições:
11 4994-0700
www.sinpro-abc.org.br

Facebook: @sinproabc
Instagram: @sinproabc
Twitter: @sinproabc
LinkedIn: sinproabc

SINPROABC - Sindicato dos Professores do ABC - Rua Piratuba, 41 - Il. Guaiabara - Jd. São João

Figura 16 - Paráfrase visual do *banner* anterior para um curso de Grego

E, por fim, observamos o *banner* apresentado a seguir (figura 17), no qual o autor optou por ilustrar a chamada para um curso de extensão em Libras com uma mão – somente a mão, sem mostrar nem uma parte do braço – fazendo um sinal específico, não identificado, similar à configuração de mão usada na representação da letra “i” no alfabeto manual, mas com o polegar “oculto”. A imagem, por si só, acrescenta pouca informação à publicidade. Chama-nos a atenção ainda um “balão de fala”, saindo do

La venta de lenguas de señas brasileñas: un análisis discursivo de las imágenes utilizadas en las pancartas de los cursos de lengua de señas brasileñas (libras)

dedo mínimo, no qual se pode ler a frase: “Suas mãos podem falar!”.



Figura 17 - *Banner* original do curso de Libras da Faculdade do Futuro.

Se considerarmos sedimentados os sentidos que reafirmam a Libras como língua natural e mantendo a proposta estética apresentada no *banner* anterior, a qual relaciona a língua à parte principal do corpo que a produz / apresenta – Libras □ Mão –, poderíamos ter, para um curso de língua alemã, por exemplo, a seguinte publicidade (figura 18):

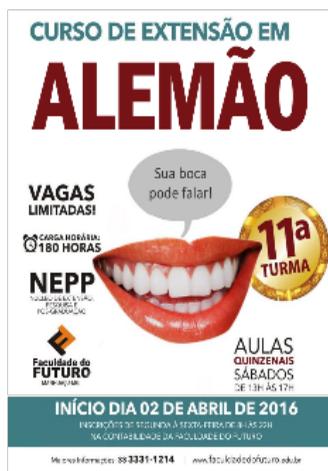


Figura 18 - Paráfrase visual do *banner* anterior para um curso de Alemão

Nela, apenas trocamos as referências à mão, principal parte do corpo envolvida na fala da Libras – tanto na imagem quanto na frase apresentada no balão de fala – por referências à boca, mantendo-se a ideia de principal parte do corpo envolvida na fala da língua alemã. Assim, onde antes se lia “Suas mãos podem falar!”, agora lê-se “Sua *boca* pode falar!”.

E é a partir das substituições propostas em nosso gesto de leitura pela paráfrase visual que um estranhamento nos parece ter seu maior efeito em expor o conflito entre a formação discursiva que apresenta a Libras como língua dos indivíduos surdos, com toda sua complexidade, no mínimo, em termos de articulação para a fala, indo muito além das mãos e do alfabeto manual; e aquela que reduz Libras às mãos, mais das vezes, às mãos reproduzindo a ortografia da língua oral; e, em última instância, associa o aprender a língua de sinais a “fazer a *mão* falar”.

A palavra de Deus em Libras

Além do uso de imagens apresentadas até aqui de pessoas sinalizando em línguas de sinais estrangeiras e outras cujo foco excessivamente pontos apenas as mãos, como suporte da língua, observamos também nas publicidades de cursos de Libras na internet marcas da presença de um discurso que caracterizamos como de cunho “salvacionista” e “evangelizador”. Nesse grupo, incluímos panfletos que apresentam imagens e mensagens permeadas por ideias religiosas, majoritariamente de determinados ramos cristãos, que, ao serem deslocadas para um contexto de venda de cursos de outros idiomas, normalmente causariam estranheza.

Numa perspectiva histórica, no que tange à relação a igreja e a surdez, conforme afirma Assis Silva (2013, p.8), “o que há de mais persistente na história de longa duração da surdez é um ideal apropriado do milagre bíblico do *effata* descrito no evangelho de Marcos (7.31-37)”. Nessa passagem bíblica, Jesus *cura* um indivíduo surdo, “abrindo-lhe” os ouvidos e “desprendendo-lhe” a língua, fazendo com que ele passe a falar “corretamente” (Bíblia, 2002).

Ainda de acordo com o autor, foi com base nesse ideal de cura e “abertura” do indivíduo surdo para o mundo que “todas as grandes etapas de educação de surdos (oralismo, comunicação total e bilinguismo) foram formuladas”. Não sendo assim de se estranhar que tais concepções façam parte também do imaginário da comunidade surda e se materialize em imagens e textos que reforcem a ideia de indivíduo deficiente, que inspira cuidado e necessita de amparo.

O exemplo a seguir (figura 19) nos parece escancarar esse ideário. Trata-se de um *banner* de um curso ministrado em/ por uma igreja presbiteriana, que, assim como os outros apresentados anteriormente, traz a imagem de mãos desvinculadas de qualquer sinal ou referência à Libras – pela posição das mãos, a foto pode ter sido

tirada enquanto a pessoa fotografada batia palmas; mas, considerando-se o fato de o curso ser anunciado por uma igreja, tal posição também pode remeter à uma posição de adoração. Ao lado da imagem das mãos, lê-se o texto: “invista em pessoas que não tiveram o *privilegio de ouvir*, como você!!!” (grifo nosso). Pelo texto, o ato de aprender Libras é apresentado como um “investimento”, um negócio, um mercado a ser investido. Não – apenas – em quem aprende, mas em um grupo de pessoas tidas como “desprivilegiadas”. Nesse contexto, aprender Libras se apresenta então como um ato altruísta, um ato de caridade para com os surdos.

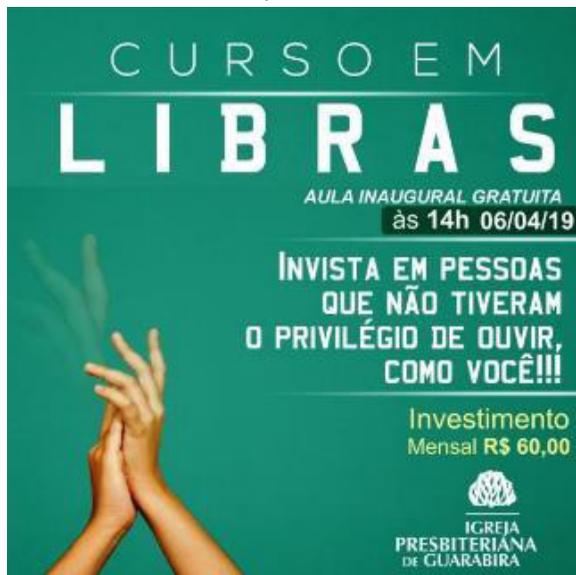


Figura 19 - *Banner* original do curso de Libras da Igreja Presbiteriana de Guarabira

Seguindo no ideário de indivíduos que necessitam de apoio, podemos tomar como exemplo o *banner* a seguir (figura 20), do curso básico de Libras oferecido pela Associação de Apoio aos Surdos de Barbacena/ MG. Nele são apresentadas, em língua portuguesa escrita, informações sobre o curso e, mais uma vez, a foto escolhida para ilustrar o curso foca nas mãos desvinculadas do contexto de aprendizado da Libras. Pela posição em que se encontram as mãos – de pessoas distintas – e em associação com o nome da instituição veiculadora – “de apoio” – a leitura é remetida a uma situação de pedido ou oferta de ajuda, suporte, apoio.



Figura 20 - *Banner* original do curso de Libras da Associação de Apoio aos Surdos de Barbacena/ MG

Supondo-se um curso de outra língua, o espanhol, por exemplo, e mantendo-se inalteradas as demais informações apresentadas no *banner*, propomos um “exercício de reformulação” (Lagazzi, 2020) desse material na figura 21 abaixo. Ao considerarmos que as mãos estão representadas no *banner* original por se tratar de um curso de Libras e essa língua se vale principalmente das mãos para sua realização, seria natural que, ao se pensar em um curso de espanhol, língua cuja realização se dá principalmente pela boca, essa parte do corpo aparecesse no *banner* proposto. Ainda, considerando-se o fato de que gesto retratado na imagem original remete à oferta / solicitação de ajuda, poderíamos incluir, no material derivado, um gesto de ajuda que envolvesse a boca. Feitas tais considerações, uma versão paralela plausível do *banner* em questão para um curso de espanhol se assemelharia ao apresentado abaixo:



Figura 21 - Paráfrase visual do banner anterior para um curso de Espanhol

De acordo com Lagazzi (2020), é através desse “exercício de reformulações” que se pode “definir limites de sentido e dar visibilidade ao processo discursivo por meio de regularidades que localizam recortes na memória do dizer, especificando as formações discursivas e as posições de (sentido) sujeito em jogo”.

A influência de um determinado dizer cristão nessa rede discursiva pode ser observada para além da ideia de caridade explorada até aqui, comparecendo mesmo em lugares discursivos outros, que não o religioso. Ou seja, muitas vezes, tal influência se apresenta de forma mais direta, mesmo em contextos em que seus veiculadores não estão oficialmente associados a uma instituição religiosa ou filantrópica. Abaixo, temos a página de apresentação de um curso introdutório de Libras veiculado por uma universidade do sul do país. O sinal apresentado na foto que ilustra o curso é o sinal em Libras para “Jesus”. Entretanto, nada no contexto da publicidade remete a um teor religioso a não ser o sinal na foto em si.

The image shows a screenshot of the UNESC Corporativa website. At the top, there is a navigation bar with the UNESC logo and a search bar. Below the navigation bar, the main content area features the course title 'LIBRAS: MÓDULO I' under the category 'Humanidades'. A prominent green button says 'INSCREVA-SE JÁ'. To the left is a photograph of a person's hands in a specific sign language gesture. To the right of the photo is a dark grey box with white text detailing course information: 'Modalidade de Ensino EaD', 'Carga Horária EaD 40h', and 'Área de Conhecimento Humanidades'. On the far right, there is a vertical list of course categories with icons: 'Comunicação & Marketing', 'Desenv. Comportamental', 'Direito', 'Educação & Humanidades', 'Engenharias', and 'Gestão & Negócios'.

Figura 22 - Recorte original da página do curso de Libras da UNESC Corporativa na internet.

Se adotarmos o mesmo processo parafrástico aplicado anteriormente, é plausível considerarmos que uma página que fizesse publicidade de um curso introdutório de língua portuguesa poderia ter a seguinte composição (figura 23):

The screenshot shows the Unesc Corporativa website interface. At the top, there is a search bar with the text 'Pesquisar cursos' and a magnifying glass icon. To the right of the search bar are social media icons for Facebook, Instagram, LinkedIn, Twitter, and YouTube. Below the search bar is a green navigation bar with the following menu items: HOME, A UNESC CORPORATIVA, CURSOS, FORMAÇÃO COMPLEMENTAR, PALESTRAS, SOLICITE ORÇAMENTO, and CONTATO.

The main content area features the title 'PORTUGUÊS: MÓDULO I' and the category 'Humanidades'. Below the title is a green button that says 'INSCREVA-SE JÁ +'. To the left of the course details is a video player showing a woman speaking. To the right of the video player is a dark grey box with the following information: 'Modalidade de Ensino EaD', 'Carga Horária EaD 40h', and 'Área de Conhecimento Humanidades'. To the right of this box is a vertical list of course categories: 'Comunicação & Marketing', 'Desenv. Comportamental', 'Direito', 'Educação & Humanidades', 'Engenharias', and 'Gestão & Negócios'.

Below the video player, there is a paragraph of text: 'O Curso de Português – Módulo I objetiva proporcionar aos participantes a familiarização com a Língua Portuguesa. O curso permitirá aos participantes apropriarem-se das palavras básicas em português para comunicação com pessoas usuárias...'

Figura 23 - Paráfrase visual do recorte anterior para um curso de Português

Nessa paráfrase, observa-se parte do rosto de uma pessoa, com destaque para boca em meio a pronúncia da palavra “Jesus”, como na foto original, que registrava parcialmente a articulação do sinal para “Jesus” e, no texto, onde aparecia “Libras” ou “língua de sinais brasileira”, houve a troca por “português” e “língua portuguesa”. Uma outra possibilidade de paráfrase, dessa vez se valendo do recurso dos balões de fala (figura 24), seria:

This screenshot is identical to the one in Figure 23, but with a different image in the video player. The video player now shows a close-up of a person's mouth with a white speech bubble containing the word 'JESUS' in green capital letters. The rest of the page layout, including the navigation bar, search bar, and course details, remains the same as in Figure 23.

Figura 24 - Outra paráfrase visual do recorte anterior para um curso de Português

Nessa composição, apenas substituímos o sinal apresentado na versão original por uma representação da palavra dita “Jesus” e fizemos os mesmos ajustes no texto.

Em todos os casos apresentados, nos parece que as paráfrases propostas são mais suscetíveis de serem tomadas por estranhas e questionadas por quem conhece a língua portuguesa do que a composição original o é por quem conhece a Libras. Por que, entre tantas possibilidades de sinais a serem usados como exemplos, o nome próprio de uma figura religiosa cristã foi escolhido para estampar a publicidade de curso de idioma? Quais formações discursivas estão envolvidas na produção de um enunciado assim?

De forma bastante simplificada, para efeito de entendimento, pode-se entender formação discursiva como sendo aquilo que “determina o *que pode e deve ser dito*” (Pêcheux, 1995, p.160, grifo do autor)

Autores como Sofiato (2005), Reily (2007) e Assis Silva (2013) afirmam que a origem da educação de surdos se deu em um contexto religioso, dentro da Igreja monástica, ainda no século XVII. Não à toa, a presença de figuras religiosas como Pedro Ponce de León (1520–1584), monge beneditino espanhol, tido como o primeiro professor de surdos, e o clérigo Charles Michel de l'Épée (1712–1789), o abade L'Épée, apenas para mencionar os mais comumente citados, são incontornáveis quando se trata da história da educação de surdos.

Além da importância inicial basilar na educação de indivíduo surdos e, no decorrer da história, ao oportunizar a criação de instituições não-religiosas representativas desse grupo, a igreja Católica se fez presente também na congregação e organização de social e política de tais indivíduos¹³, e teve participação relevante na fixação do léxico da própria Libras (dada a importância de trabalhos de catalogação, sistematização e popularização das “*mímicas* (ou *gestos*)” usadas pelos surdos que frequentavam os espaços criados pela igreja em todo país (OATES, [1969] 1988 *apud* ASSIS, 2011)).

Assis Silva (*idem*) destaca ainda o papel preponderante das igrejas Luterana e Batista, e das Testemunhas de Jeová na formação das comunidades surdas urbanas cada uma a seu modo. No início de 1980, as igrejas Luterana e Batista, na figura de acadêmicos de áreas como teologia, psicologia, pedagogia e linguística, reverberaram no Brasil as ideias, então em voga nos Estados Unidos, de reconhecimento da língua americana de sinais – e, em consequência, das línguas de sinais como um todo – como língua de fato e os seus falantes não como um grupo com uma deficiência, mas como uma comunidade linguística e culturalmente distinta. E é nesse âmbito que a figura do intérprete de línguas de sinais ganha relevância. Intérpretes passam a ter papel fundamental para fazer chegar “a palavra de Deus” – logo, também, a “salvação” – até essa comunidade, esse “povo não alcançado” (*idem*).

Por sua vez, as Testemunhas de Jeová, reconhecendo também a surdez como particularidade linguística, e atuando junto aos surdos com congregações específi-

cas para eles, onde a Libras é a língua corrente e o papel dos intérpretes é menos destacado, tem uma produção profícua de materiais e eventos.

Importa destacar ainda o trabalho de “mapeamento” feito por Batistas e Testemunhas de Jeová das residências ao redor das congregações onde haja surdos, “o que progressivamente garante que pessoas com surdez, as quais de outro modo não teriam acesso a essa língua [a Libras], entrem em contato com ela.” (Assis, 2011, p.206)

Considerando-se a definição pecheutiana de que o discurso se constitui na relação entre a língua e a história e frente a tão forte presença do cristianismo na história da comunidade surda e da Libras, abre-se a possibilidade para relações de sentido entre os discursos de ensino da Libras e “salvação” dos surdos pela tradução dos textos bíblicos para essa língua. Baalbaki, Caldas e Buscácio (2020) afirmam que:

No fim do século XVIII e início do século XIX, surgem algumas escolas, métodos e abordagens de educação de surdos e, por sua vez, instrumentos linguísticos (AUROUX, 1992). Vale notar que a formação escolar é exercida do lugar do religioso cristão, ou seja, os saberes escolares e linguísticos são constituídos pelo discurso religioso aliado à formação do Estado-nação. (Baalbaki, Caldas Y Buscácio, 2020, p.57)

Nessa relação, aprender Libras faz parte de uma missão maior de levar “a palavra de Deus” a um “povo não alcançado”. Sendo nesse contexto que formulações como a que segue são apresentadas (figuras 25 e 26 abaixo).

La venta de lenguas de señas brasileñas: un análisis discursivo de las imágenes utilizadas en las pancartas de los cursos de lengua de señas brasileñas (libras)



Figura 25 - *Banner* original do curso oferecido por Mario Augusto Libras.



Figura 26 - Paráfrase visual do *banner* anterior para um curso de Inglês

Para que nada pareça impossível de mudar

Dada a função do gênero textual *banner*, entendemos que o autor de uma peça publicitária nesse formato tem um desafio duplo: por um lado, buscar comunicar, de forma suscinta, atrativa e convincente, informações sobre a oferta do ensino da Libras por um curso específico; e, por outro, tentar sintetizar, no recorte por nós aqui selecionado, uma única foto toda a complexidade de uma língua de outra modalidade

que não a oral-auditiva, cuja a legitimidade ainda precisa ser – e, efetivamente, assim o é – constantemente defendida por quem a conhece.

E é exatamente por isso que questionamos nesse trabalho: até que ponto as imagens usadas em *banners* comerciais para fazer propaganda do ensino e do aprendizado da Libras reforçam a reverberação de sentidos relacionados à essa língua e à cultura surda que a comunidade surda constantemente tanto se esforça para tentar modificar? Sentidos esses que envolvem os “mitos” que apresentam a Libras como uma linguagem universal; como forma simplificada de comunicação; como um “investimento” caridoso em “pessoas que não tiveram o privilégio de ouvir”. Além disso, tais dizeres sobre as línguas de sinais se relacionam também com um imaginário para o sujeito surdo: “Em termos discursivos, tal normatividade advinda do discurso religioso e acadêmico produz um imaginário de “bom sujeito” para o surdo, cristão e usuário da língua de sinais”. (Baalbaki, Caldas y Buscácio, 2020, p.65)

Este estudo não tem por pretensão – visto que, a partir da ótica da AD, nenhum trabalho teria tal poder! – dizer o que as imagens e textos publicitários sobre ensino e aprendizado de Libras significam, nem definir como se interpretar tais imagens ou textos desta ou daquela forma. Ousamos sim, através do estranhamento suscitado por nosso gesto de leitura através da paráfrase visual, abrir a discussão sobre como a Libras é significada e como os saberes e ideias linguísticas a respeito das língua de sinais e, por sua vez, de sujeito nelas inscrito, comparecem reproduzidos nestes materiais e, com isso, dar bases para que se tome um posicionamento crítico frente à leitura e/ou à “escrita” de tais materiais, à luz da AD.

Entendemos que apontar as contradições aqui apresentadas (como de um lado, lutar pelo reconhecimento da Libras enquanto língua de fato, potente, específica da comunidade surda brasileira e, do outro, mas ao mesmo tempo, ilustrar a publicidade de um curso dessa língua com uma imagem de uma outra língua qualquer; ou ainda, de um lado, ressaltar a complexidade da Libras – dada sua modalidade espaço-visual e toda sua potência em termos de expressão, que demandam muito mais do que a simples transposição da língua portuguesa escrita para alfabeto manual e possibilitam muito mais do que a catequese de sujeitos que falam outra língua que não a portuguesa –, mas, paralelamente, do outro lado, simplificar a representação da Libras a mãos “amputadas”, isoladas do sujeito sinalizante e de seu contexto de uso, e vendê-la apenas como língua de catequese) é um passo para começarmos a deslocar sentidos que envolvem o ensino e o aprendizado da Libras, uma vez que, nas palavras de Ladd, pesquisador surdo, tal apontamento engendra condições de identificar as “frestas [nesse sistema discursivo] por onde informação (limitada) consegue passar de forma a fornecer ferramentas ou armas para a mudança”. (Ladd, 2013, p.30)

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.
(BRECHT, 2016)

Referencias

Albres, N. A. (2012) Comunicação em Libras: para além dos sinais. En Santiago, V. A. A., Albres, N. A., Reily, L. y Sofiato, C. G. (Eds.), *Língua brasileira de sinais – Libras: aspectos linguísticos e históricos*. EdUFSCar. http://audiovisual.uab.ufscar.br/impresso/2016/EM/EM_libras.pdf.

Assis Silva, C. A. (2011). *Entre a deficiência e cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos* [Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo]. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13102010-144632/pt-br.php>.

Assis Silva, C. A. (julho - dezembro 2013). O papel de agentes religiosos na surdez: considerações sobre a constituição da cultura surda. *Revista Espaço*, 39. <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/157>.

Auroux, S. (2009). *A revolução tecnológica da gramatização*. (2ª ed.). UNICAMP.

Baalbaki, A., Caldas, B. y Buscácio, L. (2020). Movimentos sociais, sujeitos surdos e resistência. En Grigolletto, E., Nardi, F. y Dela-Silva, S. (Eds.). *Discursos de resistência: literatura, política e cultura* (pp. 61-78). Pedro & João.

Bíblia de Jerusalém (2002). Nov. ed. rev. e ampl. Cap.7, vers. 31 - 37. Paulus.

Brasil, L. L. (janeiro – junho 2011). Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, 15 (1), 171 – 182. <https://www.revistas.ufg.br/>

lep/article/view/32465.

Brecht, B. (2016). Nada é impossível de mudar. *Stylus (Rio de Janeiro)*, 33, 293-293. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000200025&lng=pt&tlng=pt.

Cavallari, J. S. (2010). O equívoco no discurso da inclusão: o funcionamento do conceito de diferença no depoimento de agentes educacionais. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada [online]*. 10 (3), 667-680. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982010000300009>.

Costa, G. C. (13 de dezembro de 2009). (Re)formulação e diferença: um processo parafrástico discursivo. *Revista Urutáguá*, 20, 100-104. https://silo.tips/queue/reformulaao-e-diferena-um-processo-parafrastico-discursivo?&queue_id=-1&v=1658828705&u=MTkxLjE2Mi4xMzUuMTk1.

Costa, S. R. (2014). *Dicionário de gêneros textuais*. (3ª ed. rev e ampl.). Autêntica Editora.

Decreto nº 5.626 de 2005. Regulamenta Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 22 de dezembro de 2005. Diário Oficial da União. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm.

Eisner, W. (1985). *Comics and Sequential Art*. Poorhouse Press.

EnciDIS UFF. (3 de fevereiro de 2020). *Materialidade Significante - Suzy Lagazzi (UNICAMP)* [Arquivo de vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=9P-CwWPejURQ>.

Ernst-Pereira, A. (2009). A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. *IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Brasil. https://www.discoursead.com.br/_files/ugd/27fcd2_a68377e3f069468ba664fee73ce94adb.pdf.

Felipe, T. A.; Monteiro, M. (2007). *Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor*. (6ª ed.). Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP.

Ferreira, A. R. (julho – dezembro 2009). Leitura discursiva em publicidade e propaganda: uma análise da função argumentativa do interdiscurso. *Ser*, 1 (1), 56-66. <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/ser/article/view/5/608>.

Fuchs, C. (2012). A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 8, 129–134. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636744>.

Gesser, A. (2009). *LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. Parábola Editorial.

Henrique, T. M. (21 de setembro de 2021). Educação de Surdos – aspectos histó-

rico-linguístico-culturais da comunidade surda. *Revista Educação Pública*, 21 (35). <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/35/educacao-de-surdos-r-aspectos-historico-linguistico-culturais-da-comunidade-surda>.

Ladd, P. (2013). *Em Busca da Surdidade I: colonização dos Surdos* (Mariani Martini, Trans.) Surd'Universo.

Lagares, X. C. (2018) *Qual política linguística?: Desafios glotopolíticos contemporâneos*. Parábola.

Lagazzi, S. (2009). O recorte significativo da memória. En Indursky, F., Leandro-Ferreira, M. C. y Mittmann, S. (Eds.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. Claraluz.

Lagazzi, S. (2015). Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da memória e do equívoco. En Flores, G., Neckel, N. y Gallo, S. (Eds.), *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia* (Vol. 1, pp.177-189). Pontes.

Lagazzi, S. (junho 2021). A imagem em sua potência de captura simbólica. *Fórum Linguístico*, 18 (especial), pp. 5890 -5902. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/79657/46890>.

Leandro-Ferreira, M. C. L. (Ed.). (2020). *Glossário de termos do discurso: Edição ampliada*. Pontes Editores.

Lei nº 10.436 de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União. http://www.planalto.gov.br/civil_03/LEIS/2002/L10436.htm.

Observatório da diversidade linguística e cultural da internet. (2021). *Anúncio*. <https://funredes.org/lc2021/pt.htm>.

Orlandi, E. P. (1984). Segmentar ou recortar?. En *Linguística: Questões e Controvérsias*. Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba.

Orlandi, E. P. (2006). Análise do discurso. En Lagazzi-Rodrigues, S. y Orlandi, E. P.(Eds.) *Introdução às ciências da linguagem - Discurso e textualidade* (pp 11-31). Pontes editora.

Orlandi, E. P. (2007). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. (6ª ed.). Editora da Unicamp.

Orlandi, E. P. (2015a). *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Pontes Editores.

Orlandi, E. P. (2015b). Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *RUA*, 4 (1), 9-20. DOI: 10.20396/rua.v4i1.8640626. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>.

Pêcheux, M. Análise automática do discurso (AAD-69). (2014). En Gadet, F. y Hak,

T. (Eds.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. (5ª ed.). Editora da Unicamp.

Pereira, T. L. (2008). *Desafios da implementação do ensino de Libras no ensino superior*. [Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda].

Quadros, R. M. (2008). *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Reimpresão. Artemed.

Quadros, R. M. y Karnopp, L. B. (2007). *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Artmed.

Reily, L. (2007). O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. *Revista Brasileira de Educação [online]*, 12 (35), pp.308-326. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000200011>.

Skliar, C. (2016). A surdez. En Skliar, C (Ed.), *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. (8ª ed.). Mediação, 2016.

Sofiato, C. G. (2005). *O desafio da representação pictórica da língua de sinais brasileira*. [Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas].

Strobel, K. L. (2008). *Surdos: Vestígios Culturais não registrados na História* [Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa Pós-Graduação em Educação]. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91978/261339.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Walesko, A. M. H. (2019). *Formação inicial e o mito do falante nativo: construções identitárias de professores de inglês em uma comunidade de prática* [Tese (Doutorado em Letras) Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná].

Wilcox, S.; Wilcox, P. (2005). *Aprender a ver: o ensino da língua de sinais americana com segunda língua* (T. A. Leite, Trans). Ed. Arara Azul.

Notas

¹ LSB: *Brazilian sign language*; Língua de sinais brasileira. Na tradução para o inglês a sigla LSB é mantida para evitar-se possíveis confusões com BSL associada à *British Sign Language*, língua de sinais britânica.

² Atua na educação básica pública no Rio de Janeiro desde 2005, lecionando as disciplinas de Língua portuguesa e Literatura. Em 2007, ingressou no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), onde trabalha na Educação básica e na Pós-graduação lato e stricto sensu, no Mestrado Profissional em Educação Bilíngue. Graduada em Letras (Português-Literaturas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004), mestra em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (2007), doutora em Estudos da Linguagem pela UFF (2014), com Pós-doutorado em Letras, especialidade Linguística, pela UERJ (2021) e professora titular no INES (2022). Integra os grupos de pesquisa: “Discursividade, língua e sociedade”, (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8680275699688587), vice-líder do Núcleo de

Estudos em Língua e Discurso (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5895210535792812) e Arte-GestoAção(dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5345142260913951). Tornou-se mãe em 2015 e adere ao Parents in science

³ Mestre em Educação Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); Pós-graduando em Língua portuguesa: leitura e escrita no ensino de surdos pelo INES; graduado em Letras (Português e Literaturas de língua portuguesa) com láurea acadêmica pela UFF (2018); graduado em Ciências Econômicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002) e em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Celso Lisboa (2001). Experiência na área de Letras, com ênfase em ensino de português para surdos e também como facilitador de treinamentos em grandes empresas, atuando principalmente nos seguintes temas: EAD, organização, técnicas de estudo e administração do tempo.

⁴ Além dos sujeitos surdos, pertencem também à comunidade surda “familiares de surdos, educadores e demais profissionais da Educação e da Saúde que se interessem pelos movimentos surdos, pelas línguas de sinais e o fortalecimento e empoderamento dos surdos.” (Henrique, 2021)

⁵ Costa (2014, p.60) apresenta *banner* como sinônimo de “anúncio que circula em páginas da Web [...]” e anúncio como uma “*mensagem* de propaganda com objetivos comerciais [...] que procura transmitir ao público, por meio de recursos técnicos, *multissemióticos* e através dos veículos de comunicação, as qualidades e os eventuais benefícios de determinada marca, produto, serviço ou instituição” (grifos nossos).

⁶ Quadros (2008, p.46) apresenta essa ideia da universalidade da língua de sinais como sendo uma das “quatro concepções inadequadas” identificadas a partir de pesquisas realizadas em vários países a respeito do “estatuto linguístico das línguas de sinais”. E Gesser (2009, p.12) aponta que tal ideia deriva de “uma tendência [dos ouvintes] a simplificar a riqueza linguística [das línguas de sinais], sugerindo que talvez para os surdos fosse mais fácil se todos usassem uma língua única, uniforme.”

⁷ Instituição de Ensino Superior.

⁸ Entendendo essa expressão como todo e qualquer saber – teórico e/ ou prático – construído em torno da linguagem na história; que “principia naturalmente na consciência do homem falante. Ele é epilinguístico, não colocado por si na representação, antes de ser metalinguístico, isto é, representado, construído e manipulado enquanto tal com a ajuda de uma metalinguagem” (Auroux, 2009, p.17)

⁹ <https://images.google.com/>

¹⁰ Os dados publicados pelo Observatório da Diversidade Linguística e Cultural da Internet, em agosto de 2021, apontam, do 2º ao 5º lugar no *ranking* de línguas com maior “poder” na internet, respectivamente: o chinês, o espanhol, o francês e o hindi. O português aparece na listagem dividindo a 6ª posição com o russo, o árabe, o alemão e o japonês (Observatório Da Diversidade Linguística E Cultural Da Internet, 2021).

¹¹ Ladd diferencia os termos “surdo”, com inicial minúscula, e “Surdo” com maiúscula. Com o primeiro, refere-se àquele indivíduo que, apesar de ter pedido “parte ou a totalidade da sua audição [...] normalmente não deseja ter contacto com comunidades Surdas gestuantes, preferindo esforçar-se e manter a sua pertença à sociedade maioritária na qual foi socializado”

[a ouvinte]; e com o segundo, àqueles “para quem as línguas gestuais, as comunidades e as culturas do coletivo Surdo representam a sua experiência primária e a sua fidelidade [lealdade], muitos dos quais percebem sua experiência como essencialmente semelhante a outras minorias linguísticas.” (Ladd, 2013, p.xiv)

¹² Assim como Santana (2015, p114), reconhecemos que, apesar de sua função inicial de “substituir a fala, aos poucos ele [o alfabeto manual] foi sendo constituído parte da língua”. Entretanto, o uso da simples substituição da palavra em língua portuguesa pela sua soletração manual, em interações reais com a língua, “se refere sempre a nomes próprios, lugares e nomes científicos e é usado para vocábulos que não possuem sinais” (Santana, 2015, p.113). O que não se aplicaria à palavra “Libras”, no exemplo citado, pois essa possui sinal específico.

¹³ Assis Silva (2011, p.197) aponta a influência de religiosos, em especial da igreja Católica, na criação tanto da Federação Nacional de Educação e Integração de Deficientes Auditivos (FENEIDA), quanto de sua sucessora, a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), instituição que se apresenta como “entidade de representação nacional da Comunidade Surda em defesa de seus direitos”, desde sua fundação.